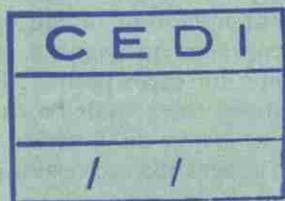


O mistério da Cidade Perdida

O escritor Antonio Callado volta aos seus tempos de repórter e conta a história do explorador inglês Fawcett, há 50 anos desaparecido nas florestas do Xingu, quando procurava a cidade abandonada dos bandeirantes.



FOTOS E MAPAS DOS ARQUIVOS DE
ANTONIO CALLADO E PAUL KIGAR



O sonho antigo de uma cidade toda de prata.

Quando alguém escrever uma História das Grandes Reportagens da imprensa brasileira, deve merecer capítulo especial a pequena cabana do Posto do Serviço de Proteção aos Índios à margem do rio Kuluene, que é um dos formadores do Xingu. Dessa cabana, em 1952, partiu uma expedição dos *Diários Associados* para visitar a lagoinha da mata onde se haviam desenterrado ossos que se imaginou fossem os restos mortais do Tenente-Coronel inglês Percy Harrison Fawcett, da Royal Artillery, que desaparecera na selva brasileira no ano de 1925. Com o Coronel Fawcett haviam sumido igualmente seu filho Jack Fawcett e um amigo deste, Raleigh Rimell. Vagavam os três em busca de uma Cidade Abandonada, que bandeirantes teriam visitado no ano de 1753 e sobre a qual deixaram um relato conservado na Biblioteca Nacional.

Descoberta a ossada por Orlando Vilas Boas, resolveu Assis Chateaubriand montar a grande reportagem de 1952, convidando para integrar a caravana dos Associados o filho vivo de Fawcett, Brian, que para isto veio especialmente da Inglaterra. E me convidou a mim também, apesar de ser eu do *Correio da Manhã*. Fundador dos *Associados*, tirano esclarecido do império que fundara, de jornais e estações de rádio, misto de grande jornalista, corsário, imoralista e príncipe do Renascimento, Chatô tinha desses gestos largos. O pessoal dos *Associados* achou o cúmulo que ele anexasse à expedição um repórter de jornal concorrente. Sabendo que eu gostava do mato e da história de Fawcett, Chatô me chamou e me incluiu, com honras de convidado, sem sequer tomar nota dos protestos. Só ouvia certa voz interior, do “meu padrinho Nietzsche”, como dizia.

Em janeiro de 1952 — num dia tórrido em que os piuns nos picavam durante as horas de sol e em que os carapanãs à noite nos transformavam a pele em dolorido couro de jacaré — voltamos as costas à cabana do Posto para andarmos 12 quilômetros, em várias horas, até a verde e sinistra lagoa dos ossos.

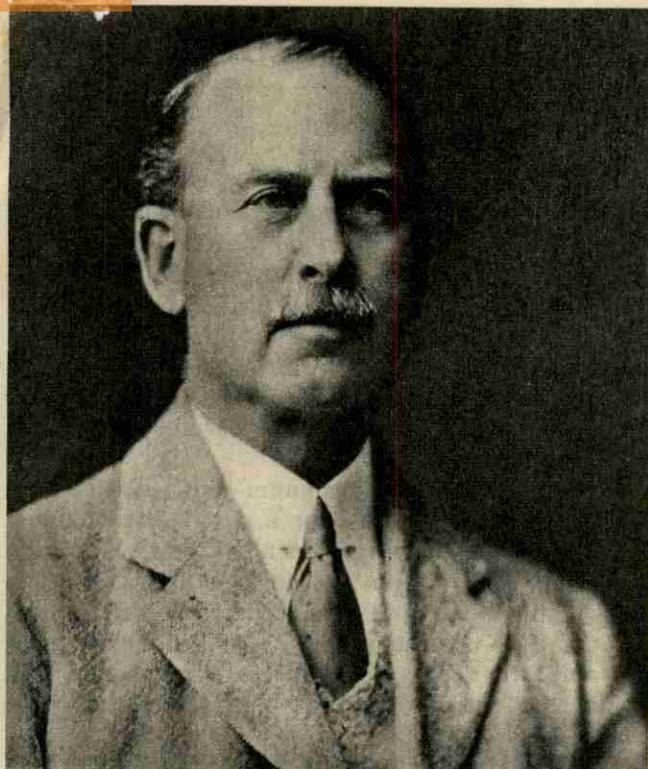
As minas de prata — o livro póstumo de Percy Fawcett, *Exploration Fawcett*, ostenta na primeira linha o nome de Caramuru, pois com seu neto Belchior Dias Caramuru começa a história das Minas de Prata, que também inspirariam a José de Alencar um romance. Fantasias e enganos de Rocha Pitta, em sua *História da América Portuguesa*, acabaram por atribuir o papel central na crônica das minas a Robério e não Belchior Dias. Mas o contorno da história ficou gravado com elegância por Pitta: “Foy fama muy recebida que Roberio Dias, um dos moradores principais, e dos mais poderosos da Bahia, descendente de Catarina Alvares, tinha uma baixela, e todo

o serviço de sua Capella, de finissima prata, tirada em minas, que achara nas suas terras; esta opinião se verificou depois com a resolução de Roberio Dias, porque sabendo ser já pública esta noticia, que muito tempo ocultara, passou a Madrid, e offerceo a El Rey mais prata no Brasil, do que Bilbao dava ferro em Biscaya, se lhe concedesse a mercê do título de Marquez das Minas”.

Em *O Segredo das Minas de Prata* Pedro Calmon acompanha documentalmente os lampejos destas minas através do tempo, mas o que nos interessa, aqui, em seu livro, é a luz que dança sobre o mestre de campo João da Silva Guimarães. Ao buscar as minas uma vez mais, em bandeira formada em 1730, teria João encontrado no sertão, em 1753, uma prodigiosa Cidade Abandonada. Exumado da Biblioteca Nacional em 1839, já bastante digerido por cupins, o documento do bandeirante teria sido descoberto por Fawcett. Pelo menos era o que sugeria o Tenente-Coronel P.H. Fawcett, em artigo que intitulou *A Cidade Perdida da Minha Busca* e que foi postumamente publicado no *Blackwood's Magazine*, em 1933. Diz Fawcett que “aqui, pela primeira vez, ao que eu saiba, imprime-se a fascinante história da descoberta, em 1753”, etc. etc. Ora, em português a chamada Relação já se imprimira pelo menos duas vezes, sendo que da segunda publicação valeu-se a mulher de Richard F. Burton para fazer primorosa tradução, anexada ao livro do marido, *The Highlands of the Brazil*, incluído na Coleção Brasileira. Isto em 1869, quando Fawcett tinha dois anos.

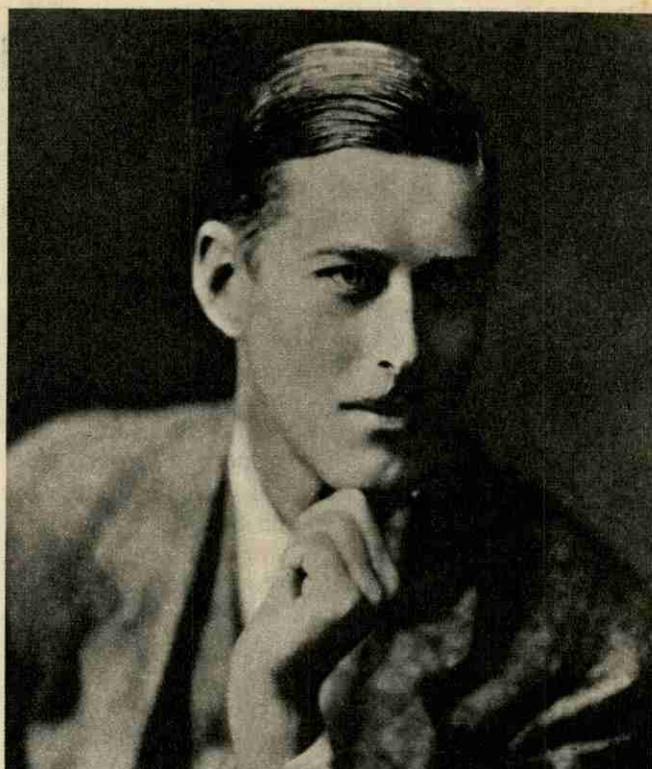
Aqui surge um dado psicológico de grande importância a respeito do explorador inglês, que, de tanto ocultar seus achados e objetivos, acabou por ocultar-nos os próprios ossos. Fawcett esperava encontrar não só a Cidade Abandonada como várias outras provas da existência, no Brasil, de uma antiquíssima civilização pré-colombiana e pré-incaica. Mas queria encontrar tudo isto sozinho, ou, na pior das hipóteses, acompanhado de membros da família. Repetidas vezes, em suas mensagens, declara que só aceita guias “até um certo ponto”. E há sérios indícios de que, embora fosse mateiro experimentado, na selva do Oriente como da América do Sul, falsificava sua posição geográfica, se assim disfarçasse suas pegadas.

Brian Fawcett, que depois escreveu também seu *Ruins in the Sky*, sobre o pai e sobre a nossa expedição à Lagoa Verde, em 1952, não aceitava, acerca do velho explorador, opiniões que não o retratassem como um varão incapaz de qualquer fraqueza ou dissimulação. Entre ele e o chefe da expedição, Orlando Vilas Boas, criou-se uma tensão, um choque de personalidades. No seu foro íntimo, Brian não queria que os ossos fossem do pai, não queria ver provado



Percy H. Fawcett, um ano antes de desaparecer.

que o pai morrera entre os Kalapalos, e eu, pessoalmente, fiquei por um lado certo de que aqueles ossos não eram os de Fawcett mas fiquei igualmente certo, por outro lado, de que ele sem dúvida morreria naquela área, às mãos de algum Kalapalo. Esta versão, que já direi porque tem todo o jeito de verdade, não podia ser aceita por Brian, pois a última mensagem de Fawcett, datada de 30 de maio de 1925 e enviada à Real Sociedade de Geografia de Londres, dava sua posição como sendo de 11 graus 43 minutos de latitude sul e 54 graus 33 minutos de longitude oeste, no rio Manitsauá, enquanto ali no Kuluene estávamos a 14 graus latitude sul. O consenso geral, inabulável hoje em dia, é que Fawcett jamais poderia ter chegado ao Manitsauá. Morreu ali mesmo, no Kuluene ou arredores, de quem quer que fossem os ossos do esqueleto que o próprio Brian apelidou de "George". O passar do tempo só fez confirmar a impossibilidade de chegar em Fawcett, seus companheiros e mais uma tropa de mulas ao Manitsauá. Outro membro da nossa expedição de 1952, o Major-aviador Norrie Eggeling, da Força Aérea Americana, sobrevooou algum tempo depois a suposta posição de onde Fawcett enviara a derradeira mensagem. O dia, como Norrie informou em carta a Brian, era de extraordinária visibilidade, mostrando, nítido, o Manitsauá, que se enrosca por milhas no seio de uma mata medonha, sem intervalos, sem ar, sem nada. Eggeling informou que apostaria até o último tostão "em que ninguém jamais andou com mulas dentro daquilo — nunca na vida".



Jack Fawcett, o filho, também foi dado como morto.

Causas e cidades perdidas — Ora, Brian Fawcett não só não aceitava, em 1952, que a informação dada pelo pai em 1925 fosse incorreta, como parecia atribuir a Orlando Vilas Boas não sei que malévolas intenção de roubar ao velho Fawcett sua glória e até sua chance de estar vivo. Na vida de Orlando o episódio Fawcett tem tão pouca importância quanto, na vida do explorador Fawcett, os contatos estabelecidos com índios. Orlando podia descobrir numa lagoa do Xingu todo um regimento da Real Artilharia britânica e isto constituiria apenas um capítulo curioso em sua vida — esta vida apostolar, séria, dedicada ao índio, vida que chega agora à aposentadoria após 200 acessos de malária, num país que só pensa nos 1000 gols de Pelé.

Seja como for, houve um mal-estar psicológico entre o mateiro Orlando e o engenheiro ferroviário Brian, Orlando inclinando-se a achar que Brian, como o velho Fawcett, estava, isto sim, atrás do mapa da mina dos Martírios, que se localizaria na zona dos formadores do Xingu. Brian achava que Orlando queria se promover, nos *Diários Associados* e no mundo em geral.

Orlando, assim como seu irmão Cláudio, tem, na História do país, um nome ainda celebrado por poucos mas que se ampliará à medida que se reduzem as terras sob os pés dos índios e que desaparecem os próprios índios. A vida de Orlando e de Cláudio não acaba num triunfo porque escolheram o impossível. Quiseram manter viva, e alegre, uma raça de seres condenados à morte. A boiúna devoradora, a ser->

Enfim, os restos de uma civilização perdida?

pena do fabulário profético indígena já faz a digestão dos índios, sob seus nomes novos de Transamazônica, Perimetral Norte, Cuiabá—Santarém.

Vítimas e Céticos — Mas passemos em revista com alguma cronologia os fatos do episódio que tem sua origem na escrita da *Relação Histórica de Huma Occulta e Grande Povoação Antiquíssima e sem Moradores, que se Descobriu no anno de 1753*, e que se encerra com a última e desesperada tentativa de Brian Fawcett, em 1955, de atirar volantes impressos sobre as áreas de selva em que poderia estar vivo, e cativo, seu irmão Jack.

O Mestre de Campo João da Silva Guimarães, que passou mais de vinte anos na brenha, em busca das Minas de Prata, acabou por encontrar algum metal branco, que foi examinado na Casa da Moeda. Não era prata. Terá esse desapontamento levado o bandeirante a inventar sua Relação, em que acomete “Alpes e Pyreios Brasileiros”, para, varando uma brecha na cordilheira, encontrar a Cidade? Vingou-se do destino inventando uma lenda para acobertar um malogro? A verdade é que além das antigas esperanças do encontro das Minas de Prata do Muribeca, o sertão da Bahia passou a conter promessas de uma imemorial cidade. A Relação era datada “d’este sertão da Bahia, e dos rios Paracaçu, Una”.

A primeira vítima da Cidade Abandonada foi o Cônego Benigno José de Carvalho, português de Trás-os-Montes, autor de *A Religião da Razão* mas homem sem dúvida fustigado pelas fúrias da fantasia. Leu a Relação, subiu o Paraguaçu até a barra do Una, fez soar falso alarma de descobrimento da Cidade na região da Serra de Sincorá. Pelo sertão andou quatro anos e veio morrer no Salvador, de mãos vazias, em 1848. Anos mais tarde, Teodoro Sampaio, em *Viagens através da Chapada Diamantina em 1879*, praticamente, liquidou a história do bandeirante de 1753. Pernoitou na lapa de Maxambomba, zona das nascentes do Una, e descobriu, nas paredes da caverna, “desenhadas com tinta vermelha, umas figuras, um tanto apagadas, imitando animais e o homem, outras como algarismos ou sinais usados pelos vaqueiros, para marcar o gado. Recordei-me então das inscrições encontradas na referida Cidade Abandonada... e reconheci a perfeita semelhança dos caracteres que tinha à vista com os das citadas inscrições”. Achou Teodoro que se encontrava no próprio sítio em que teriam estado os bandeirantes do século XVIII. Debalde, no dia seguinte, procurou alguma coisa que se assemelhasse às ruínas, às praças e estátuas mencionadas na Relação. Ou tudo que divisou por perto, em matéria de serras ou formações geológicas estranhas, só num delírio poderia aproximar-se das descrições da Relação.

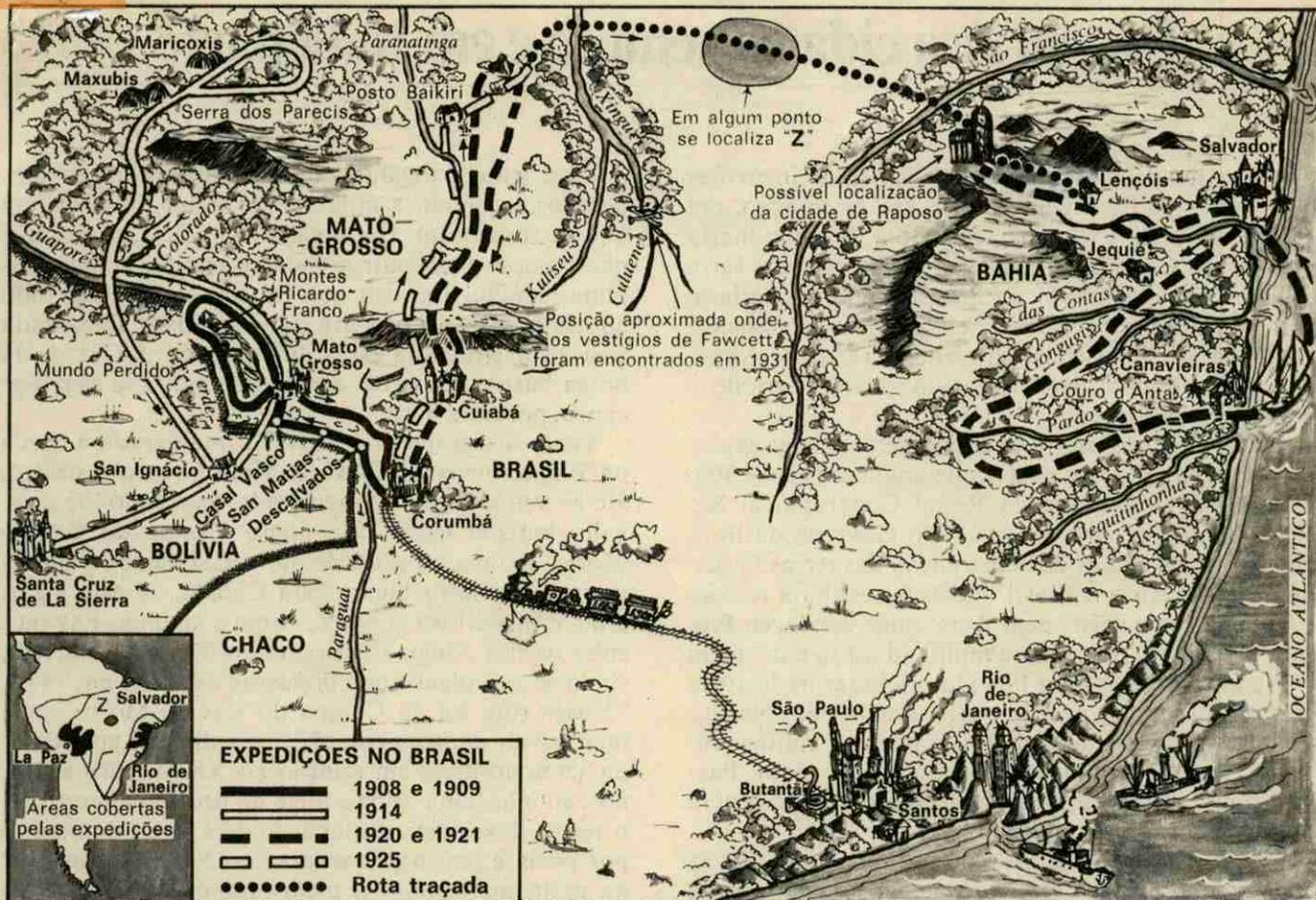
Nada indica que Fawcett tenha ouvido falar em Teodoro Sampaio, mas talvez tenha tido alguma notícia da *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas*, que realizou Hércules Florence, em 1827. Na Serra da Chapada ao norte de Cuiabá, Florence encontrou um cenário de fantásticas rochas. “Nos montes e na planície, por toda parte, avistam-se grupos de pedras que, com os contrafortes, semelhamos restos de uma cidade imensa, em que durante séculos imperara a mais nobre arquitetura”.

Não existe até hoje nenhuma prova de que haja florescido no Brasil anterior à descoberta qualquer civilização mais adiantada. Ainda há algo a explicar quanto à cerâmica de Marajó e às muiraquitãs — essas lindas e requintadas figurinhas de jade estudadas por Barbosa Rodrigues — mas é difícil imaginar que ainda venhamos a encontrar testemunhos de uma civilização comparável às andinas, às mexicanas e centro-americanas.

O que o Brasil tem, um pouco por toda parte, são formações areníticas, ou mesmo de rochas mais consistentes, que a erosão de vento e água tem trabalhado com grande capricho. Como a famosa Vila Velha, no Paraná. Tirei uma só frase da descrição que faz Florence da cidade que descobriu em Mato Grosso. Mas ele na realidade dedicou páginas àquela aberração geológica que lhe parecia prefigurar Babilônia ou Roma. Em conversa com Brian Fawcett, durante a reportagem de 1952, e em *Esqueleto na Lagoa Verde*, que escrevi depois da visita ao túmulo de George, mencionei a tese dos fenicistas brasileiros, a saber, que a cabeça do Imperador, na Pedra da Gávea, não seria fruto de uma erosão que acabara por desenhar na rocha aquela imensa cabeçorra de velho: a erosão teria, isto sim, apagado, ou esbatido, ali, a cabeça esculpida de um rei da Fenícia. No seu livro *Ruins in the Sky* Brian publica uma foto da Pedra da Gávea onde, além do perfil do velho, aparece o friso, na face da pedra, de cortes regulares que lembram, de maneira fantástica, uma inscrição.

Fawcett acreditava não só na existência da Cidade Abandonada da Bahia como em várias outras cidades, talvez mais importantes, como prova o fato de se haver ele tomado tão completo sumiço, finalmente, em Mato Grosso. Vitoriano criado numa época de grandes triunfos da Arqueologia, Fawcett tinha ainda, na sua composição psicológica, outro fator. Acreditava no Sobrenatural. O espiritismo teve muito a ver com sua busca. A Arqueologia marcou a época em que viveu, assim como a Ficção Científica marca a nossa. A Magia marca as duas.

Fawcett e o espiritismo — Em *Ruins in the Sky*, Brian adota um tom apologético para mencionar as relações do pai com o espiritismo e a clarividência.



Por este mapa pode-se acompanhar todas as expedições de Fawcett no Brasil. No ponto Z, o seu objetivo.

Antes de partir para o Brasil, Fawcett freqüentava em Exeter, na Inglaterra, reuniões espíritas. “As compenetradas senhoras que faziam de médium nestas sessões de clarividência amadora descreviam com riqueza de detalhes exatamente aquilo que estava na sua cabeça e ele — inexplicavelmente crédulo — encontrava nas róseas predições a confirmação de tudo aquilo em que tão ardorosamente acreditava”, escreve o filho. Nina Fawcett, mulher do explorador, nunca perdeu o contato com ele, depois do desaparecimento: encontrava-o nas mesas do espiritismo.

Tal comportamento, nos tempos áureos da Teosofia de Madame Blavatski e da Magia de Elifás Levi, não parece nem tão crédulo e nem tão extravagante. Conan Doyle, o criador de Sherlock Holmes, e amigo de Fawcett, a quem pediu informações sobre a selva sul-americana para escrever *Lost World*, prometeu a seus amigos espíritas que se comunicaria com eles depois da morte. Outro escritor, este realmente amigo de Fawcett, H. Rider Haggard — tão conhecido entre nós graças à tradução que fez *Eça de As Minas de Salomão* — deu de presente a Fawcett uma estatueta de basalto que, segundo disse, lhe viera do Brasil. No volume que Brian publicou de papéis do pai, o velho fala assim do ídolo que lhe deu Rider Haggard: “Essa imagem de pedra possui

uma propriedade peculiar, sentida por quem quer que a tenha nas mãos. É como se uma corrente elétrica nos subisse pelo braço, tão forte que certas pessoas largam de pronto a imagem”. Fawcett levou a estatueta a um psicometrista, e define a Psicometria: “Baseia-se na teoria de que todo objeto material preserva em si mesmo o registro de suas vicissitudes físicas, e que tal registro permanece ao alcance de pessoas que sejam bastante sensíveis para sincronizar-se às respectivas vibrações”. Segurando, nas trevas, a imagem de basalto, o psicometrista consultado por Fawcett descreveu algo semelhante à destruição da Atlântida e à partida de alguns sobreviventes, em barcos, para... a Cidade Abandonada que buscava Fawcett.

A estatueta acompanhou Fawcett, como uma bússola mística, na viagem de 1925. Brian, em 1952, ouviria falar vagamente de uma imagem de pedra que em Cuiabá teria andado à venda. Dificilmente seria a própria, a inacreditável, que em algum fundo de rio da bacia xinguana estará até hoje emitindo pulsações psicométricas, sua forma patética de pedir que a restituam a algum altar da Atlântida.

O explorador — Dito isto é importante dizer também, sem perda de tempo, que Fawcett era um ex-▷

Procurar a cidade, sempre e em toda parte.

plorador lúcido, habituado desde moço às incursões pelo mato, perito em geografia, em orientação, em agrimensura. Aos 19 anos, servindo a Real Artilharia na ilha de Ceilão, já fazia suas explorações. Teria mesmo, ali, encontrado na floresta uma itacoatiara, uma pedra com inscrições. Seus caracteres coincidiriam com os dos dísticos gravados na Cidade Abandonada da Bahia, denotando um mesmo período e uma única civilização.

Tanto adquiriu prestígio e renome com suas explorações e seu interesse pela arqueologia que, em 1906, recebeu, do Presidente da Royal Geographical Society, o convite para, a serviço do Governo da Bolívia, encontrar linhas de demarcação nas terras lindas com o Peru e o Brasil. Fawcett aceitou a missão e fez penosas viagens pelo Acre, onde conheceu Plácido de Castro, pessoa que muito admirou e de quem conta um fato que dá a Plácido um lugar na história da camuflagem, se me permitem a digressão. Nas lutas com os bolivianos em 1903, perdera muitos soldados, que, naturalmente, usavam farda cáqui. Passou Plácido a uniformizá-los de verde e a incidência de baixas tornou-se mínima.

Durante anos serviu Fawcett nas matas bolivianas e acreanas, sempre de ouvido atento às histórias de pessoas que haviam encontrado índios de ruivos cabelos e olhos azuis, falando línguas estranhas, mas, por outro lado, enrijecendo a têmpera e os músculos, aprendendo a lutar contra cobra e mosquito.

Por volta de 1920 estava pronto a entrar na sua primeira aventura exclusivamente brasileira, a de procurar a Cidade Abandonada. Aproveitou a visita a Londres do Presidente Epitácio Pessoa para expor seus projetos de exploração e em seguida veio para o Rio onde conseguiu o auxílio necessário, a despeito dos objetivos nebulosos, que descrevia mal, dividido que vivia entre a necessidade de encontrar apoio e o temor de que todos se precipitassem à conquista de sua Cidade Encantada.

Realizou, afinal, em 1920/21, aquilo que chamou sua expedição do Gongugi, que é um afluente do rio das Contas dando um laço, na Bahia, em toda a zona mais provável de localização da Cidade de 1753. Não a encontrou, e nós, que sabemos da tragédia futura, nos inquietamos ao ouvir seus primeiros acordes na página 225 de *Exploration Fawcett*, onde o sonhador irrecuperável parece tomar posse demoníaca do explorador experimentado. Fawcett pergunta, retórico: “Por que se haveria de supor que cidades antigas, se é que existem, devem por força encontrar-se na região em que se ouvem histórias tradicionais a seu respeito?” Os índios, prosseguia, não têm noção nem de espaço e nem de tempo. Podem informar que algo ocorreu há pouco tempo, e a uma légua de distância, quando em realidade repetem me-

mórias, tribais, ligadas a um cataclismo de milhares de anos, ocorrido a milhares de léguas do local em que se encontram. Em lugar de concluir, então, que não é possível encontrar Cidades envoltas em tal neblina, conclui Fawcett que perderá tempo e fé todo aquele que saia à procura da sua Cidade Encantada sem levar em conta essas dificuldades. A Cidade da nossa busca, em suma, devemos procurá-la sem descanso, por toda parte.

Tanto assim que, em 1920/21, malograda a busca na Bahia, meteu-se Fawcett Mato Grosso a dentro, até as matas do alto Xingu, onde, morrendo-lhe o cavalo, batizou certo sítio como Campo do Cavalo Morto. Estava na pista de outra Cidade, ou daquela mesma em outro lugar. Esta Cidade, ou este lugar, eram o misterioso ponto Z, como o chamou Fawcett, entre os rios Xingu e S. Francisco. Escreveu ele, referindo-se aos planos que pretendia executar em 1925: “Nossa rota irá do Campo do Cavalo Morto, onde meu cavalo morreu em 1921, em direção aproximadamente nordeste em relação ao Xingu, para visitar no caminho uma antiga torre de pedra que constitui o terror dos índios do lugar, pois à noite ilumina-se por porta e janelas. Transposto o Xingu entraremos na mata num ponto a meio-caminho entre este rio e o Araguaia, seguindo o divisor de águas rumo norte, aos 9 ou 10 graus de latitude sul. Tocaremos então para Santa Maria do Araguaia e daí atravessaremos, por trilha existente, até o rio Tocantins em Porto Nacional ou Pedro Afonso. Nosso caminho será entre a latitude de 10 graus 30 minutos e 11 graus, no platô entre os Estados de Goiás e Bahia, região inteiramente desconhecida, que se diz infestada de selvagens e onde espero encontrar vestígios das cidades desabitadas. As montanhas ali são muito altas. Seguiremos então as montanhas entre a Bahia e o Piauí até o rio S. Francisco, atingindo-o em algum ponto próximo a Xique-Xique, e, se estivermos em condições de fazê-lo, visitaremos a velha cidade deserta (a de 1753) que fica aproximadamente aos 11 graus 30 minutos sul e 42 graus 30 minutos oeste, completando assim as investigações e saindo num ponto em que a estrada de ferro nos levará à Cidade da Bahia”.

Em nota de pé de página esclarece Brian que a área onde seu pai localizara Z não era tão desconhecida, no decênio de 1920, como ele fazia crer, tornando-se, em anos posteriores, sobrevoada regularmente pelas linhas aéreas brasileiras, sem que aparecessem ali quaisquer ruínas. Acrescenta, ainda, que, pessoalmente, investigou, de avião, a possível posição geográfica dada por seu pai como sendo a da Cidade de 1753. Não encontrou nada.

As vantagens da Kachasa — Na ocasião em que

tomava suas decisões relativas à expedição de 1925, Fawcett manteve dois contatos decisivos, e, não fosse ele abstêmio, com horror a todo álcool e sobretudo ao que chamava a *Kachasa*, teria prestado maior atenção ao conselho mais sensato. Narra seu encontro com um explorador francês que, procurando também as Minas de Prata, chegara à mesma conclusão de Teodoro Sampaio. Vira, mesmo, formações de calcário muito semelhantes a ruínas. Acontece que o francês “tinha um hálito alcoólico e eu não consigo confiar em pessoas que bebem”.

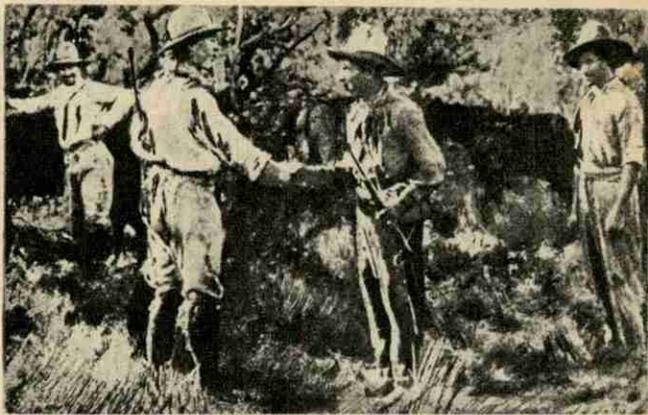
Outro encontro foi com o Cônsul inglês no Rio, em 1920, Coronel O’Sullivan Beare, “um cavalheiro em cuja palavra não me passaria pela cabeça duvidar” e que certamente não bebia. Esse teve a afronta de dizer simplesmente a Fawcett que, em 1913, um caboclo o levara à Cidade em ruínas, a doze dias de viagem de Salvador. E Fawcett de pronto saltou à conclusão de que, com o passar do tempo, a Cidade dos homens brancos ficara mais inacessível em seu vale, “para lá do cinturão de terras secas”.

A sorte estava jogada. A sensatez inspirada pela *Kachasa* não salvaria o explorador.

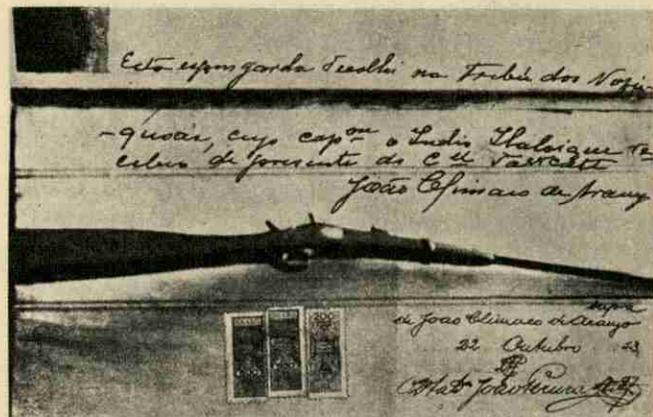
Viagem e desaparecimento de Fawcett — Em janeiro de 1925, Fawcett chegou ao Brasil com seu filho Jack e um amigo deste, Raleigh Rimell. Os dois rapazes beiravam os 25 anos. O velho Tenente-Coronel da Artilharia pretendia completar seus 58 anos, dia 31 de agosto, em Z, no meio da sua cidade, mais antiga que qualquer outra do mundo.

No mês de março partiram de Cuiabá, a pé, rumo ao Posto Bacairi, do Serviço de Proteção aos índios, no rio Paranatinga. Só chegaram ao Bacairi dia 20 de abril. Segundo carta de Jack erraram o caminho três vezes e Raleigh já então mancava dum pé inficionado por mordidas de carrapato. Repousaram na fazenda de Hermenegildo Galvão, e, cinco dias depois, atingiram o Bacairi, que estava vazio mas ao qual vieram ter índios Meinaco, prontamente fotografados, pois a expedição Fawcett ia mandar serviço para a North American Newspaper Alliance. Finalmente, dia 29 de maio de 1925, chega à família a última mensagem de Fawcett, datada do Campo do Cavalo Morto. Ali estavam, preparando-se para o grande mergulho na floresta. Ali ficariam só os três. Os *peons* como escrevia Fawcett, voltavam desse ponto. Prosseguiam os três e mais três mulas de montaria, quatro de carga e a madrinha da tropa. Estavam todos meio comidos de mosquito, mas o velho cheio de entusiasmo, Jack cheio de saúde, e Raleigh Rimell com o pé cada vez pior. Tão ruim que Fawcett quis mandá-lo de volta. As últimas palavras da última mensagem diziam: “Vocês não precisam ter medo nenhum de qualquer malogro”.

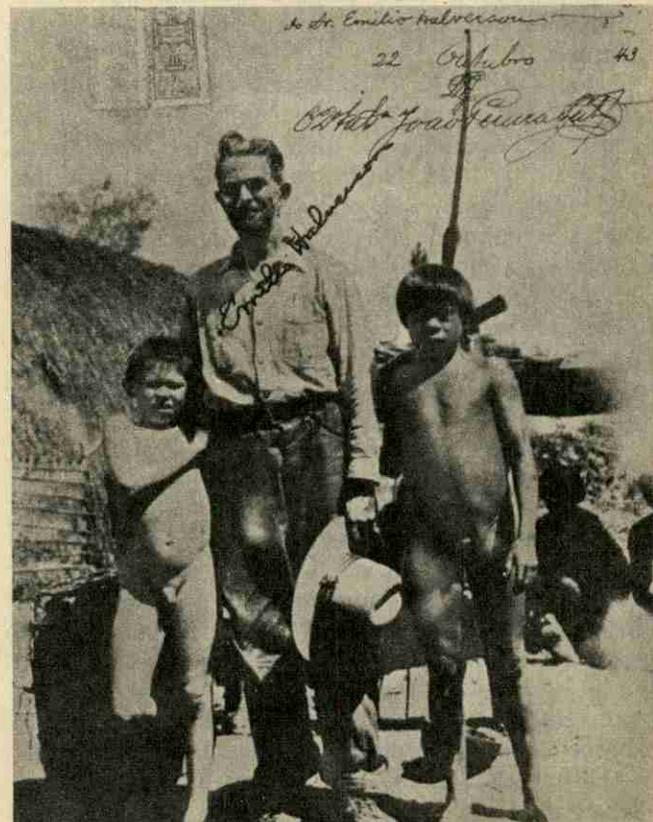
A expedição de socorro Dyott — E nunca mais se saberia com certeza absoluta que fim teve a minúscula expedição dos três ingleses. Com o passar do tempo e a ausência de qualquer sinal de vida dos ex-▷



Fawcett despede-se dos guias. Ao fundo, Raleigh.



O presente de Fawcett ao cacique dos Nafaquás.



O indiozinho albino Dulipé, suposto filho de Jack Fawcett, ao lado do missionário que o encontrou.

Última mensagem: não temam qualquer fracasso.

ploradores, começou a circular, um pouco pelo mundo inteiro, uma onda de boatos mais ou menos extravagantes sobre que teria acontecido aos três. Mais de vinte anos depois, em 1946, um jornalista estrangeiro, Willy Aureli ainda os considerava vivos, sendo Fawcett, a um só tempo, prisioneiro e chefe de índios Caiapó. Segundo a história de Aureli, um encanecido homem branco, vestindo túnica recamada de medalhas, conduzia ataques de índios armados contra seringueiros do Xingu. Deuses brancos, cativos, mendigos, tudo foram os três, em sucessivas informações, jamais confirmadas.

No entanto, apenas três anos depois do desaparecimento de Fawcett, em 1928, e também por conta da North American Newspaper Alliance, o explorador Dyott realizou importante Expedição de Socorro a Fawcett, descrita em seu livro *Man-Hunt in the Jungle*, publicado em Nova York, em 1930. Ao contrário de Fawcett o Comandante George Miller Dyott entrou no mato como se fosse ser filmado pela antiga Metro Goldwyn. Levava bois e carga, além de montarias, e um total de 26 pessoas, reduzidas a 17 quando despachou as outras, assim como os bois, ao iniciar a subida do rio Kurisevo, ou Kuluseu. Dyott carregava bagagem de três toneladas e só lamentou não levar mais gente e material. Ele, estou convencido, esteve a dois passos de uma descoberta completa.

Pegou a trilha de Fawcett desde Cuiabá, onde se avistou com um filho de Hermenegildo Galvão, o hospedeiro da Expedição, de quem obteve notícia direta do contato de 1925. No Posto Bacairi encontrou um índio, Bernardino, que teria sido um dos acompanhantes e guias de Fawcett. Segundo Bernardino, Fawcett não subira o Paranatinga, em busca da região do Manitsauá. Descera o Kurisevo, afluente do Kuluene. Bernardino levou Dyott até o ponto em que Fawcett o despedira, seguindo a pé para as malocas dos Nafuquá. Entre os Nafuquá, Dyott realmente encontrou coisas: no pescoço de um índio uma placa de cobre, onde se gravava o nome da firma londrina que fornecera a Fawcett seu material de viagem, e, na maloca do cacique, Aloique, uma maleta de metal idêntica às usadas pelos oficiais britânicos no Oriente. Até as calças de Aloique tinham corte inglês. Interrogado, o cacique tentou explicar como conseguira tais objetos, mas só conseguiu, mais e mais, convencer Dyott de que trucidara os ingleses. Ainda assim, Dyott prosseguiu viagem até o Kuluene, entre os índios Kalapalo, acompanhado de Aloique, pois a informação era que Fawcett pernoitara entre os Kalapalo. Estes disseram que sim, e que Fawcett, depois de andar cinco dias para leste do Kuluene, morrerá...

Já então — daí o lamento de Dyott acerca do

pouco material que levou estava quase no fim o estoque de presentes para índios e cada vez apareciam mais índios, mais e mais índios. Dyott, que pretendia ir até o último ponto atingido pelos três exploradores — um dos três capengava, informou um Kalapalo — simplesmente bateu em retirada, fugiu à noite.

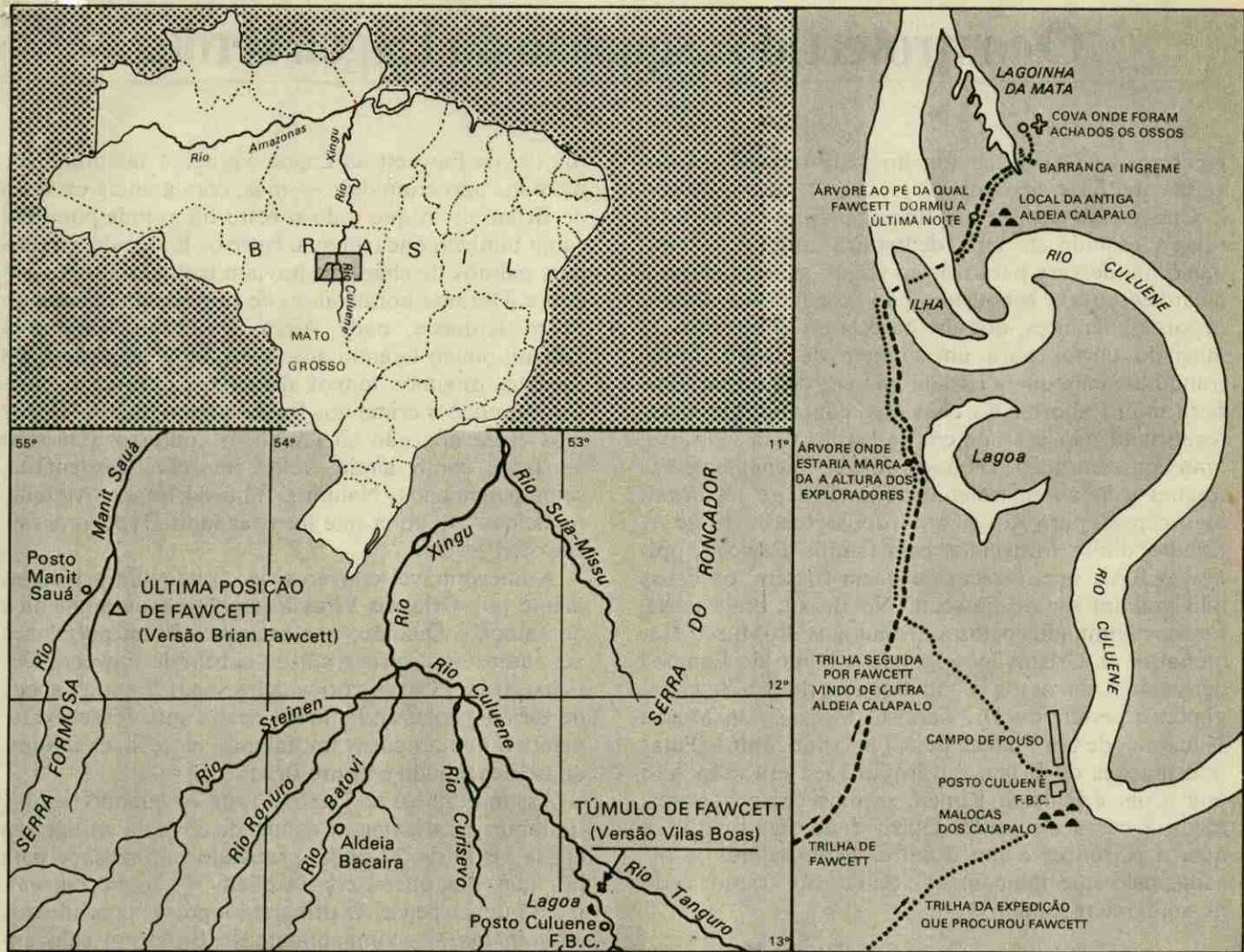
A pista seguida por Dyott entre os Kalapalo é fantásticamente coincidente com a que seguimos nós, com Vilas Boas, em 1952. Acresce que ninguém, nem um saci, teria percorrido em dias, como queria Fawcett com a informação de sua posição geográfica, a distância entre o posto Bacairi e o Manitsauá. A Expedição de Socorro Dyott trouxe provas convincentes de que a região dos formadores orientais do Xingu, e principalmente a forquilha do Kuluene e do Tanguro, eram a zona do desaparecimento. Nessa forquilha foram exumados os ossos de... de George.

Ossada na lagoa verde — Em sua teimosia, Brian Fawcett é bem filho do pai desaparecido. Nunca aceitou a clara evidência das descobertas de Dyott, baseando-se obstinadamente, para isto, na confusão que existiria entre as viagens de 1920/21 e a de 1925. Os objetos encontrados teriam sido deixados por Fawcett entre os índios na viagem anterior — e assim por diante.

No entanto, até hoje, não foram encontrados vestígios da expedição Fawcett em nenhuma outra parte do Brasil que ele houvesse percorrido, enquanto que, na zona dos formadores do Xingu, só falta seu fantasma sair do mato e contar o pouco que não se sabe. Em 1931, uma expedição da Universidade de Pensilvânia esteve no Kuluene e seu chefe, arqueólogo e etnólogo, ouviu também dos Kalapalo que durante cinco dias tinham visto, para leste do Kuluene, a fumaça do bivaque de Fawcett. Em 1943, o repórter Edmar Morel recolheu, do cacique Kalapalo de então, Izarari, o que supôs ser o relato do próprio crime. Ouviu também Morel dos índios que Jack Fawcett teria tido de uma índia um filho, Dulipé, e telefonou a Brian Fawcett, então engenheiro de uma ferrovia britânica no Peru, para lhe comunicar a existência do sobrinho. Aliás, em 1937, uma missionária que exercia seu apostolado no Xingu, Martha Moenich, já escrevera a Nina Fawcett a propósito de Dulipé. No consenso posterior, mais ou menos geral, Dulipé sequer teria sangue branco. Era albino.

Em *Ruins in the Sky* Brian discute o assunto e recusa o parentesco, mesmo porque, informa, "Jack era inteiramente virgem e não tinha o mínimo interesse em mulheres, fossem civilizadas ou selvagens".

Enquanto se vislumbravam possibilidades de elucidar o Mistério Fawcett, não houve mateiro ou viajante do interior do Brasil que não arregalasse os



À esquerda, última posição conhecida de Fawcett. À direita, em detalhes, a região da lagoa Verde.

olhos e escancarasse os ouvidos diante de algum indício ou sussurro. Orlando Vilas Boas, que se tornara sertanista no princípio do decênio de 40 e que melhor do que ninguém, à força de amor, penetrou o espírito do selvagem brasileiro, também sentia a curiosidade espicaçada pelo exato desfecho da aventura de Fawcett. Não como cientistas visitantes ou sôfregos jornalistas e sim como irmão e pai deles, Orlando tinha chances maiores do que qualquer outra pessoa de levar os índios a um relato circunstanciado. E levou-os. Depois de obter dos Kalapalo apenas meias-verdades, ou evasivas, pois os índios têm plena noção de que atrás de um crime de morte pode vir vingança, Orlando um dia começou a desenrolar o fio da meada em conversa com Cuiuli, que era dos mais velhos entre os Kalapalo. Isto em abril de 1951. Vendo Cuiuli mais inclinado à confiança que de costume, Orlando repisou o argumento de que os brancos não estavam mais coléricos com a morte dos ingleses. Só queriam saber como é que tinham morrido.

Nesse dia Cuiuli, depois de confabular com os demais Kalapalo, foi andando e andando pelo mato, até chegarem à lagoinha entre o Kuluene e seu afluente

Tanguero. À beira da lagoa, Cumatsi, então cacique Kalapalo, falou e falou, como só falam os povos cuja única cultura reside na repetição de memórias, falou das 11.15 da manhã às 2.30 da tarde, narrando o assassinio, ali, de três homens claros. Finalmente mandou Orlando cavar à margem das águas esverdeadas.

Era uma cova rasa, de cerca de meio metro de fundo, e na cova, sujos de terra, enleados em raízes, uma caveira e os ossos do esqueleto.

O assassino de Fawcett, já morto quando lá estivemos em 1952, chamado Javucuire, detestaria o inglês, que o tratara mal. Por trás de uma árvore, na tocaia, aguardou Fawcett, liquidando-o com uma bordunada. Cuiuli, que narrou a história a Vilas Boas e que entre nós se achava, assassinara Jack. Alguém mais matara Rimell. Os dois rapazes foram atirados às águas da lagoinha. Só o velho teria sido enterrado: este o resumo da longa história.

O encontro da ossada de Fawcett foi notícia no mundo inteiro e Assis Chateaubriand não ia perder uma oportunidade assim. Pediu os despojos ao então General Rondon, meteu-os numa bela arca e levou-os consigo para o Claridge's de Londres, que certa-

O controvertido esqueleto da Lagoa Verde.

mente jamais abrigara um hóspede reduzido à caveira e um feixe de ossos.

Convocado por Chatô, Brian compareceu ao Claridge's munido de uma dentadura superior antiga, que o pai deixara para trás ao viajar, experimentou-a na mandíbula e achou que não se adaptava. Olhou depois os fêmures, que lhe pareceram de pronto demasiado curtos para um homem de 1m86. Disse tranqüilamente que a ossada não era de seu pai. Embora muito aborrecido com esse contratempo, Chateaubriand não era homem de perder uma viagem e uma comemoração. Os ossos foram solenemente entregues a Brian em solenidade na BBC, e seguiram, logo depois, para Royal Anthropological Institute. À luz dos dados fornecidos pela família Fawcett, opinou o RAI, que, fossem de quem fossem, os ossos não podiam ser de Fawcett. No Brasil, mais tarde, foram examinados pelos antropólogos do Museu Nacional de S. Cristóvão. Segundo o laudo de Londres pertenciam os ossos a um homem de 1m70 e, segundo a perícia do Dr. Tarcísio Messias, do Museu Nacional, de um homem de, no máximo, 1m68. Pelas informações de Brian, seu irmão Jack era mais alto que o pai e Raleigh Rimell, o mais baixo dos três, mediria cerca de 1m78. Outro dado significativo é que, a pertencer a um dos três exploradores, a ossada, pelo que indicam as suturas do crânio, seria de um homem maduro.

Terceiro homem — Mesmo assim, e, quando mais não fosse para preservar um derradeiro canto do Mistério Fawcett, quero dizer que até hoje muito pouco foi divulgado acerca de Raleigh Rimell, uma espécie de Borradeira da Expedição. Como eu achasse, em 1952, Brian Fawcett um tanto vago sobre o amigo de seu irmão, pedi a W. W. Copeland, que então dirigia a United Press no Rio, que procurasse apurar em Londres pelo menos a estatura de Rimell. Copeland tentou, em várias fontes, mas ninguém parecia saber nada de positivo acerca do rapaz. Ora, os dois Fawcett desaparecidos, assim como Brian, são tipos nitidamente nórdicos, louros, altos, ossudos. Rimell, pela foto, era homem de olhos e cabelos pretos, tipo céltico. Teria presumivelmente ossos menores. Estava em Los Angeles quando foi convidado a acompanhar os Fawcetts em 1925.

E é o que se sabe a respeito desse terceiro homem, que não parece ter escrito cartas a ninguém, que logo de início sofreu o pior acidente que se pode sofrer no mato — um pé machucado — e que constitui, até devido ao seu nome com ar de pseudônimo, a parte mais escura de uma aventura tenebrosa.

Visita ao túmulo de ninguém — Na sexta-feira, 25 de janeiro de 1952, quando fomos visitar o pretenso

túmulo de Fawcett na Lagoa Verde, já sabíamos que os ossos não eram dele — mas, com a única exceção de Brian, creio que todo o resto da grande comitiva sabia também que trilhava, entre os Kalapalo, os últimos palmos de chão que haviam trilhado os exploradores. Durante horas, antes de sairmos da cabana do Posto Kuluene, onde Aires, à socapa, namorava Diacuí, pouco ligando aos ossos, ou à identidade do defunto, ouvimos longos discursos, durante o *pow-wow* em que o crime nos foi de novo relatado. Tínhamos entre nós não só Cuiuli, o confesso assassino de Jack, como ainda, velha, murcha, desdentada, seios pelancudos, Nahura, filha do finado Aloique, o cacique Nafuquá que fora segundo Dyott o assassino de Fawcett.

A interminável conversação, conduzida principalmente por Orlando Vilas Boas, teve seus momentos de emoção. Quando, por exemplo, Brian perguntou aos índios qual seria a cor do cabelo de Fawcett, Cumatsi, Iruca, Cravi, vários deles se atiraram à cabeça de Brian procurando uma mecha que fosse exatamente o que procuravam, falando entre si, exaltados, quase depenando o pobre Brian.

Assim também na Lagoa Verde — quando reconstituíamos, praticamente dentro da cova da vítima, um crime velho de 27 anos, praticado não se sabe bem por que, por quem, contra quem — houve um momento de suspense. O principal repórter presente dos *Associados*, o acompanhante de Brian em suas andanças brasileiras, Romildo Gurgel, resolveu dar uma de promotor, ali à beira do túmulo, interrogando Cumatsi, o cacique, Cravi, Bororo e *tutti quanti*. Fez gestos de quem derruba um homem, formulou e repetiu perguntas aos gritos, como se ficassem assim mais compreensíveis, saltou para dentro da cova, no esforço de representar a cena do crime.

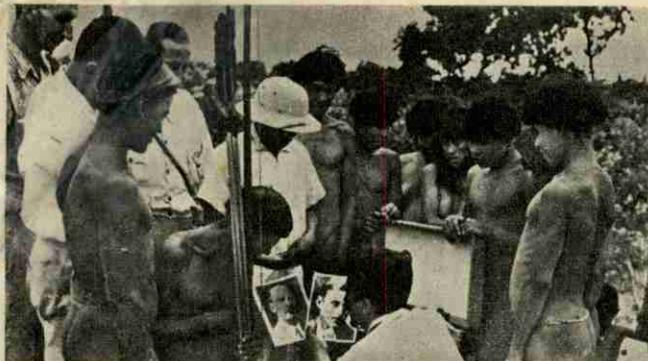
Os índios foram ficando alarmados, ou meio encolerizados. Afinal de contas só um dentre eles, Naho, o intérprete, entendia português. Vilas Boas adiantou-se, meio ríspido:

— A morte de quinze Fawcetts me interessa menos do que a amizade destes índios.

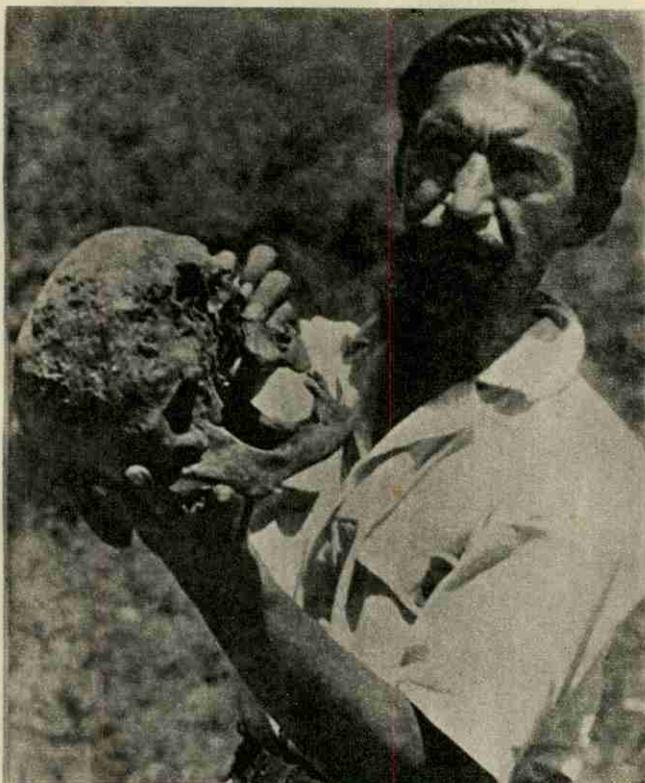
Naho também entrou na brecha:

— Kalapalo não está mentindo. Índio não gosta que branco grite com ele.

O sol já estava lá embaixo, na linha do horizonte. Havia que andar os 12 quilômetros de regresso à cabana do Kuluene. Foi o que tratamos de fazer, em silêncio, divididos em vários grupos, orientados, na caminhada, por índios que realmente haviam ficado menos pacientes, senão um tanto hostis. Entre os brancos, creio que o estado de espírito prevalecente era aquela frustração que normalmente sentimos quando um excelente romance policial tem desfecho inferior à expectativa.



1943: o cacique dos Kalapalos reconhece Fawcett.



Orlando Vilas Boas e os possíveis despojos. (1951)

A última tentativa — Houve ainda, em 1955, uma derradeira tentativa de encontrar Fawcett. Com o capital que lhe adveio da publicação de *Exploration Fawcett*, Brian voltou ao Brasil, fretou seu próprio Beechcraft e fez pelos ares uma filial peregrinação aos locais onde poderia haver prova da passagem do pai, da possível vida do irmão, ou, quem sabe, vestígio de alguma justificação para tanto esforço e tanta cansaça, de algum objetivo de Fawcett que contivesse alguma realidade.

Satisfez-se, na medida em que há satisfação em não poupar tensão física e mental para dissipar sombras e aceitar a crua realidade. Fawcett já estaria velho demais para ser encontrado vivo, Raleigh por demais doente, à época da expedição, para haver sobrevivido. Mas Jack, quem sabe? E Brian — o irmão preferido, o irmão que ficara em casa, em 1925

— realizou uma nobre busca, para encarar, uma a uma, todas as decepções.

Sobrevoou as regiões prováveis, mergulhou sobre os pontos onde existiriam ruínas, entrou mais uma vez em contato com doidos ou mitômanos que teriam visto, ou ouvido dizer, que um homem branco viveria aqui ou ali, no recesso da floresta. Tentou até mesmo, em Cuiabá, avistar-se com Dulipé, que lá vivia, mas estava ausente, bêbado ou trancafiado no xadrez. E concluiu: “Trinta anos é muito tempo. Se tantos não tivessem decorrido desde o desaparecimento de meu pai eu poderia sentir uma revolta maior sobre a inutilidade do seu destino e dos demais — três vidas perdidas ou deformadas na busca de um objetivo que na realidade jamais existiu”.

Epílogo — Revi meus próprios papéis velhos, reli documentos da época do Mistério Fawcett, li os novos livros que saíram a respeito e tive a sensação de remexer um punhado de cinzas bem frias.

Muita coisa desapareceu, desde que fui ao túmulo de George: os *Diários Associados* e Assis Chateaubriand; o *Correio da Manhã* e Paulo Bittencourt.

Da chocha epopéia de Fawcett que poderá restar? Pensei durante algum tempo que restaria *Brazilian Adventure*, o livro de Peter Fleming, que andou procurando Fawcett em 1932. Peter Fleming, caso alguém não saiba, é o tio de James Bond. Por outras palavras foi seu irmão, Ian Fleming, quem gerou esse sofisticado cafajeste. Peter Fleming veio à floresta brasileira, assim como foi ao Tibete, com um desdenhoso ar de aristocrata que um dia resolve deixar o mordomo em casa para correr perigos desnecessários. E não muito perigosos. Refolheei o livro agora. Não dá para as encomendas.

A tentação severa é achar simplesmente que os dois Fawcetts, e o pobre Rimell, desperdiçaram a vida numa busca tola, falharam. Ao lado de um Livingstone, na mata africana, ou de um Schliemann sobretudo, que, *Ilíada* em punho, desenterrou Tróia e descobriu o túmulo de Agamemnon, rei dos reis gregos, fazem figura pobre, quase ridícula — Fawcett com sua obstinação, Raleigh com seu pé estropiado, Jack com sua virgindade. Buscavam fama e riqueza numa cidade de luzes eternas e jóias mágicas e morreram de pauladas no meio de um grupo de selvagens xinguanos. Uma aventura inútil.

No entanto, é bom não esquecer que da inutilidade entendemos todos, da vida banal, da espera da morte no escritório. Que sabemos da esperança que ateou um fogo tão vivo no peito deles?

Meio século depois da última mensagem pode-se dizer com certeza que estão todos mortos, o velho Fawcett, Jack, Raleigh. Jazam seus ossos onde jazem, merecem jazem em paz. Naquela paz maior que recebe os inquietos, os visionários, e não a paz dos cemitérios, pois eles, se não encontraram túmulos de reis antigos, conseguiram escapar ao confinamento de um túmulo próprio, numerado. Dissolveram-se numa lenda e numa floresta.